



III CIFA
COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

REDE DE MULHERES PRODUTORAS DE QUIJINGUE- BA: FOMENTANDO A ECONOMIA SOLIDÁRIA E FEMINISTA COMO ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL

CAPDEVILA, Sofia Reyna¹
¹ Associação Humana Povo para Povo Brasil

*Companheira me ajude, que eu não posso andar só, eu sozinha ando bem, mais com
você ando melhor”*

Canto das mulheres de Quijingue durante a lavoura coletiva

RESUMO

Este trabalho tem como objeto apresentar a experiência da Rede de Mulheres Produtoras de Quijingue como uns dos resultados do acompanhamento técnico executado pela ONG Humana Brasil no Território do Sisal, Bahia.

APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem como objeto apresentar a experiência da Rede de Mulheres Produtoras de Quijingue como uns dos resultados do acompanhamento técnico executado pela ONG Humana Brasil no Território do Sisal, Bahia.

A Associação Humana Povo para Povo Brasil foi fundada em maio de 2007. Está registrada como uma associação sem fins lucrativos e qualificada como uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público - OSCIP desde janeiro de 2008. Em dezembro de 2008 a Humana Povo para Povo Brasil foi incluída na Lei Autorizativa do Estado da Bahia e está qualificada para receber fundos do Governo da Bahia. HPP Brasil é credenciado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário como prestadora de serviço de ATER (Assistência Técnica e Extensão Rural). A Humana Brasil é também registrada na CNEA do Ministério do Meio Ambiente como entidade ambientalista.

A Humana Povo para Povo Brasil é uma das associações federadas ao Movimento Internacional Humana People to People. A missão da Humana é estimular o desenvolvimento no seu sentido mais amplo, especialmente por meio do estabelecimento e execução de projetos que visam compartilhar conhecimento, habilidades e capacitação aos indivíduos e às comunidades que necessitem de auxílio para superar a pobreza e as circunstâncias desumanas em que vivem. A HPP Brasil visa a promoção da dignidade Humana, a proteção do fraco e do marginalizado e luta contra todas as formas de discriminação, de opressão e de exploração.

Desde seu início, a Humana Povo para Povo Brasil (HPP Brasil) atua na região Sisaleira do semiárido baiano com o Programa Nordeste Cidadão. Um programa baseado no conceito de empoderamento dos Agricultores Familiares, no desenvolvimento da pessoa como agente transformador da sociedade, na solidariedade, no envolvimento e participação ativa das famílias das áreas rurais e na organização social ampla das famílias envolvidas. Os projetos, deste programa,



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

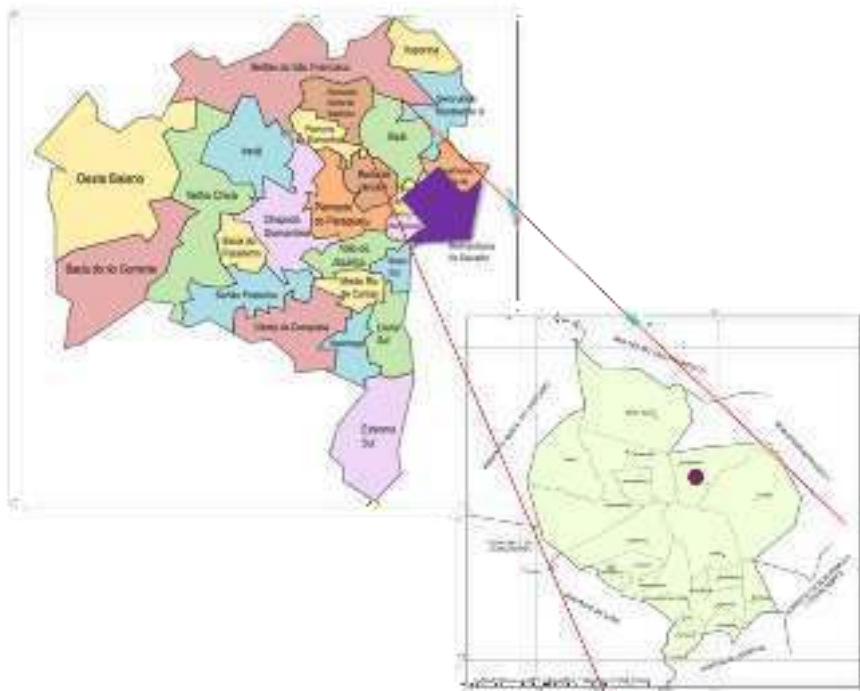
desenvolveram uma estrutura organizacional participativa nas comunidades envolvidas nos projetos, aumentando o capital humano e social da família, sua capacidade produtiva e qualidade de vida sem degradar os recursos ambientais.

A partir de 2012 a Humana Brasil expandiu suas atividades para mais municípios da região e continua levando conceito e as experiências já obtidas do programa Nordeste Cidadão para mais territórios da Bahia e outros estados de Nordeste.

Atualmente atua em 10 territórios na Bahia atendendo 40 municípios, e desde 2018 no estado de Goiás e Mato Grosso do Sul.

Município de Quijingue

Situado no Território da Cidadania do Sisal, se caracteriza por ter uns dos IDH's mais baixos do Estado e ser uma das áreas mais pobres da Bahia. O Município é predominante rural, com uma população total de 27.243 habitantes, 6.384 residente na área urbana e 20.859 (76%) registrados na área rural do Município (Fonte Wikipédia)



A agricultura familiar é a principal atividade econômica da região. A produção rural está voltada para agricultura de subsistência, para a criação de pequenos animais como cabras, ovelhas e galinhas, apicultura e cultivo da pasta e palma, que servem para a alimentação animal nas épocas de seca, entre outras. Em épocas mais chuvosas há uma variedade maior de culturas como feijão e milho. A chuva, mesmo em períodos curtos, possibilita também a produção de frutas como o caju, a manga e a pinha, além do extrativismo do umbu e do licuri.



Os principais fatores que dão origem para a pobreza são: a aridez do clima, a escassez de água, a baixa escolaridade da população, a falta de infraestrutura física e social básica, baixa remuneração do trabalho agrícola, difíceis condições de vida e de trabalho e emprego de mão de obra infantil. Além das dificuldades de ordem natural, ligadas à terra e ao clima, a região também sofre de problemas históricos como o “coronelismo”, o assistencialismo e a falta durante muito tempo de políticas públicas para agricultura familiar.

A realidade das mulheres do campo

Na agricultura familiar do semiárido baiano, o trabalho das mulheres nos espaços de produção, em geral, é percebido como ajuda ao marido ou ao pai. Muitas vezes não é reconhecido como trabalho que gera renda para a família. Quando as mulheres são remuneradas, recebem um rendimento menor, se comparado ao dos homens. Por outro lado, as mulheres dedicam a maior parte do seu tempo nas atividades voltadas para o autoconsumo, que não são reconhecidas como atividades geradoras de renda. Por fim, a obtenção de renda pelas mulheres é influenciada pelo baixo grau de agregação de valor aos produtos que elas comercializam. Quando organizadas em grupos produtivos, estes carecem de infraestrutura produtiva; de qualificação para o gerenciamento, organização da produção e viabilidade econômica; e de infraestrutura para escoar a sua produção; provocando baixo acesso aos mercados.

Ainda é muito marcante a exclusão social, econômica, produtiva e cidadã destas mulheres, que frequentemente são alvos de maus tratos e sofrem violência doméstica praticada principalmente pelos próprios companheiros.

Não há organismo de políticas para as mulheres neste município nem há algum serviço da rede de serviços especializados de atendimento às mulheres em situação de violência. A casa mais perto que dar abrigo e proteção está situada no município de Serrinha a 170 km da distância de Quijingue.

Empoderamento feminino e solidário

A Humana reconhece o protagonismo da mulher sertaneja em suas atividades e diante disso prioriza a execução de projetos voltados ao incentivo a autonomia econômica e ao empreendedorismo feminino no semiárido da Bahia, atuando diretamente fortalecendo o associativismo e a economia solidária da região.

Algumas das atividades, tais como oficinas, intercâmbios entre comunidades, municípios e territórios, assessorias e apoios institucionais são direcionados para que exista uma aliança entre o exercício para o crescimento da produção agroecológica e uma reflexão que leve a uma conscientização sobre a situação da mulher rural, a necessidade de seu reconhecimento como mulher produtiva, que permita, através da socialização de experiências individuais nessas atividades, superar as barreiras culturais históricas do patriarcado e do machismo, mas que sirva também como um treinamento, ou seja, participar de intercâmbios, de oficinas práticas e teóricas e outras iniciativas faz com que as mulheres



agricultoras treinem para alcançar maior qualidade na sua produção, gestão dos seus recursos e planejamento estratégico.

Desde 2014 a Humana Brasil desenvolve ações específicas para as mulheres do sertão baiano a través de projetos em parceria com a Secretaria de Políticas para as Mulheres do Estado da Bahia (Projeto Mulher Sertaneja 2013-2014), a Diretoria de Políticas para as Mulheres Rurais do extinto MDA (Projeto ProMil Mulheres 2014- 2015), a União Europeia (Projeto União Sertaneja 2015-2017) e a ANATER(Projeto Mais Gestão 2018-em execução).

A partir de um intenso e continuado processo de mobilização social as mulheres começam a terem visibilidade como lideranças nas associações e sindicatos rurais, proporcionando o surgimento do movimento de mulheres, reivindicando direitos, realizando atividades de capacitação e educação, e discussão dos problemas particulares enfrentados pelas mulheres. Esse processo faz parte do empoderamento das mulheres, na qual estas ganham influência e controle sobre suas vidas e buscaram através deste empoderamento melhorar suas condições sociais e transformar as relações de poder.

REDE DE MULHERES PRODUTORAS DE QUIJINGUE

Motivadas em aprender mais e continuar se qualificando, ao final do Projeto Mulher Sertaneja em 2014, e com intermediação da equipe técnica da Humana Brasil, os grupos produtivos de mulheres existentes no Município de Quijingue se interessaram na ideia de criar uma Rede de Mulheres Produtoras a nível municipal. A ideia foi de dar continuidade aos encontros e intercâmbios e unir-se a outros grupos de mulheres do município a fim de trocar conhecimento, agregar mais grupos atuantes no mesmo território e lutar juntas por um maior reconhecimento e valorização das mulheres rurais no espaço doméstico e público.



Participação na Feira de Agricultura Familiar de Quijingue



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

A Rede de Mulheres Produtoras de Quijingue é um movimento de grupos produtivos de mulheres rurais que trabalham coletivamente para garantir seus direitos como produtoras e cidadãs ativas no Município de Quijingue. Decidiram estar unidas respeitando os princípios da Economia Solidária para agregar forças e trocar experiências, se capacitando continuamente para oferecer produtos de qualidade, valorizando a Agricultura Familiar e a cultura local.

A Rede, como articulação de Grupos de Economia Solidária, defende e se identifica com os princípios da autogestão, democracia, cooperação, centralização no ser humano e não no capital econômico, valorização da diversidade e reconhecimento do valor fundamental das mulheres e do feminino, emancipação, valorização do saber local, valorização da aprendizagem e da formação permanente, justiça social na produção, comercialização, consumo, financiamento e desenvolvimento tecnológico e cuidado com o meio ambiente. Princípios que devem ser aceitos e respeitados por todas as associadas e pelas entidades de apoio, sejam organizações da Sociedade Civil ou do Poder Público.

Todas as mulheres das comunidades rurais ou da sede que estejam organizadas de forma coletiva e que atuem de acordo com os princípios da Rede e da Economia Solidária podem participar. Também as entidades da Sociedade Civil e do Poder Público que atuem como assessores e colaboradores da Rede para assegurar o bom funcionamento da mesma, sempre e quando compreendam que a Rede é patrimônio exclusivo das mulheres.



Reunião para a formação da Rede de Produtoras de Quijingue, Tatu, Quijingue

Está formado por 12 grupos produtivos organizados nas comunidades rurais totalizando 80 mulheres guerreiras, mães de família, agricultoras e artesãs, lutando juntas por uma vida digna para as mulheres do campo e da cidade.

Atualmente a Rede funciona como Associação em regime de autogestão, sendo dirigida por uma diretoria de 12 membros composta por uma representante de cada grupo. Trabalham com artesanatos



diversos e produtos alimentícios, resgatando as delícias da culinária do Sertão, aproveitando produtos oriundos de hortas orgânicas e derivados de frutos típicos e abundantes da região. Além de garantir a comercialização dos produtos, buscam ocupar espaços de representação política e social. Muitas delas são presidentas de associações comunitárias e representam as suas comunidades nos conselhos municipais, levando a voz do campo dentro dos espaços de controle e participação social das políticas locais.

Logo após a criação da Rede, iniciaram a comercializar na feira livre municipal toda segunda feira, proporcionando aos/as moradores/as quijinguenses a opção de consumir produtos locais orgânicos e frescos, que até o momento não existia essa oferta ou era muito escassa. Desde 2015, acreditando na importância da união das forças de todos os/as atores da Agricultura Familiar de Quijingue, formam parte da diretoria como sócias fundadoras da Cooperativa da Agricultura Familiar de Quijingue e Semi-árido (COOFAQS). É através da COOFAQS que fornecem hortaliças, verduras, polpa de fruta, ovos, broas e sequeijos no Programa Nacional

de Alimentação Escolar (PNAE), garantindo produtos saudáveis para às crianças das creches e das escolas municipais do ensino fundamental e incentivando as autoridades a comprar o mínimo 30% que a lei exige.

Depois de quase 3 (três) anos de muita organização, articulação, dedicação e perseverança, a COOFAQS junto com a Rede de Mulheres Produtoras de Quijingue e o constante apoio de parceiros locais, conseguiram, através da aprovação por unanimidade de um projeto de lei na Câmara Municipal de Vereadores, a concessão de uso de um espaço de propriedade pública na sede do Município para comercializar os produtos dos cooperados e dos grupos produtivos que formam parte da Rede, tais como artesanatos; hortaliças: alface, coentro, couve e cebolinha; verduras: beterraba e aipim; frutas: mamão, laranja, limão; broa e sequeijo; geleias; doce de leite; polpa de frutas; ovos; tapioca; beiju; bolos e cocadas.

O ponto de venda solidário, situado na rua Castro Alves no Centro da cidade, foi inaugurado em fevereiro de 2018.

Com a organização da Rede de Mulheres Produtoras de Quijingue, as mulheres têm conseguido reverter o quadro de subordinação/exclusão, levando para o espaço público, discussões antes vistas como inferiorizadas e desvalorizadas por pertencerem ao âmbito doméstico. Ou seja, as lutas enfrentadas pelas mulheres passam a ser mais reconhecidas e conquistam mais respeito e, assim, muitas reivindicações são consolidadas e concretizadas - o reconhecimento do trabalho da mulher na zona rural, o gerenciamento dos alimentos nos períodos de seca (quando é maior a escassez e fome), o acesso a médicos, a educação dos filhos, etc

As mulheres da Rede têm protagonizado uma forma coletiva e inovadora de organização com vistas a construir um modelo de desenvolvimento baseado na sustentabilidade socioambiental e na igualdade, que foi modelo para mulheres de outros municípios do Território.



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

“A Rede para mim é minha identidade, minha vida teve muita melhoria, e aprender coisas novas com as outras Mulheres do meu Município é um sonho”. Joselia Santana Reis, Comunidade de Quijingue Velho e membro do Grupo Produtivo de Mulheres Guerreiras.

DESAFIOS E ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Apesar do crescimento da participação de mulheres em organizações produtivas na região semiárida da Bahia, para aumentar a renda familiar, se articular com outros grupos e controlar a sua produção, ainda há muito a ser realizado para tornar realidade o desejo destas mulheres de se libertarem do papel “tradicional” e serem vistas como sujeitos políticos, que possuem deveres e direitos. A concretização desta realidade passa pela reflexão sobre as mudanças de “normas” culturalmente impostas pelo sistema patriarcal, e a partir daí redefinirem o seu papel e sua importância na sociedade rural contemporânea através de seu empoderamento. Torna-se necessário garantir e ampliar o acesso dessas mulheres rurais ao fomento produtivo, ao crédito, a assistência técnica, aos programas de compras governamentais e a promoção comercial de seus produtos, através do acesso às políticas públicas, visando promover a autonomia econômica das mulheres. Permanece ainda o desafio de integrar as políticas para as mulheres e promover arranjos de gestão participativa, que possibilite estabelecer estratégias, apoiadas pelo Estado, que promovam a afirmação de sua identidade como trabalhadora rural, a socialização do trabalho doméstico e do cuidado, o fortalecimento da organização produtiva com a perspectiva da autonomia econômica, da soberania alimentar e da agroecologia, além do fortalecimento do seu papel no desenvolvimento territorial. Estas alternativas vivenciadas pelas mulheres convivem com a permanência da desigualdade que se expressa no menor acesso delas aos recursos naturais e a terra, na ausência de cidadania plena e no menor acesso e participação na gestão das políticas públicas e no desenvolvimento territorial.

Pese a tudo, as mulheres continuam lutando e mostrando dia a dia que elas são as protagonistas das suas próprias vidas e que juntas tem o poder para transformar essas estruturas de desigualdade que as excluem e discriminam sistemicamente. Conscientes de que é um processo lento, mas também progressivo, abraçam seus sonhos e continuam fortes lutando para conquistar seus direitos propondo um modelo de desenvolvimento inclusivo, sustentável e local.